REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

| Preços da assignatura | Anno 36 n.os | Semest. 18 n.os | Trim. 9 n.os | N.º á entrega |
|---|---|---|---|---|
| Portugal (franco de porte, moeda forte) | 3$800 | 1$900 | $950 | $120 |
| Possessões ultramarinas (idem) | 4$000 | 2$000 | -$- | -$- |
| Extrangeiro (união geral dos correios) | 5$000 | 1$500 | -$- | -$- |

9.º ANNO — VOLUME IX — N.º 276

21 DE AGOSTO 1886

REDACÇÃO — ATELIER DE GRAVURA — ADMINISTRAÇÃO

LISBOA, L. DO POÇO NOVO, ENTRADA PELA TRAVESSA DO CONVENTO DE JESUS, 4

Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empreza do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos.

## CHRONICA OCCIDENTAL

Fallámos na nossa ultima chronica dos actores portuguezes no Brazil. Hoje temos informações mais minuciosas ácerca da recepção que ahi lhes fizeram o publico e a critica, graças á amabilidade d'um distincto jornalista brazileiro que não conhecemos pessoalmente, mas cujo brilhante talento é ha muito tempo nosso conhecido, que nos enviou o seu jornal, jornal de que tinhamos ouvido falar muitas vezes, citar com elogio, mas que nunca nos chegara ás mãos

Chama-se Valentim Magalhães, esse nosso illustre confrade do Rio de Janeiro, e a *Semana* o jornal que ha dois annos elle dirige com um alto criterio artistico e um bello gosto litterario moderno.

A *Semana* é um jornal pequeno muito elegante no formato, na disposição typographica, na direcção litteraria, e que, se pelo nome do seu redactor, pela boa escolha dos seus artigos tem o condão de nos interessar sempre a nós, como obra d'arte, actualmente tem, alem d'esse interesse, o de nos pôr ao facto do que pensa, do que julga, do que diz, e do que faz, o publico e a critica brazileira ácerca dos nossos artistas dramaticos mais estimados, d'aquelles que occupam o primeiro theatro do nosso paiz.

Por todos estes motivos, folheámos avidamente os numeros da *Semana* que recebemos, e em cada pagina, em cada columna encontrámos cousas interessantes para nós lisboetas que frequentamos theatros, que lemos livros, que ouvimos musica, que applaudimos artistas.

É um d'esses primeiros encontros interessantes foi um retrato de Guerra Junqueiro, o primeiro retrato bom, verdadeiramente bom, verdadeiramente verdadeiro, do grande poeta da morte de D. João.

É um retrato bom e um grupo excentrico, extravagante phantastico.

Por baixo tem este distico estranho e commercial:

GUERRA JUNQUEIRO & C.ª

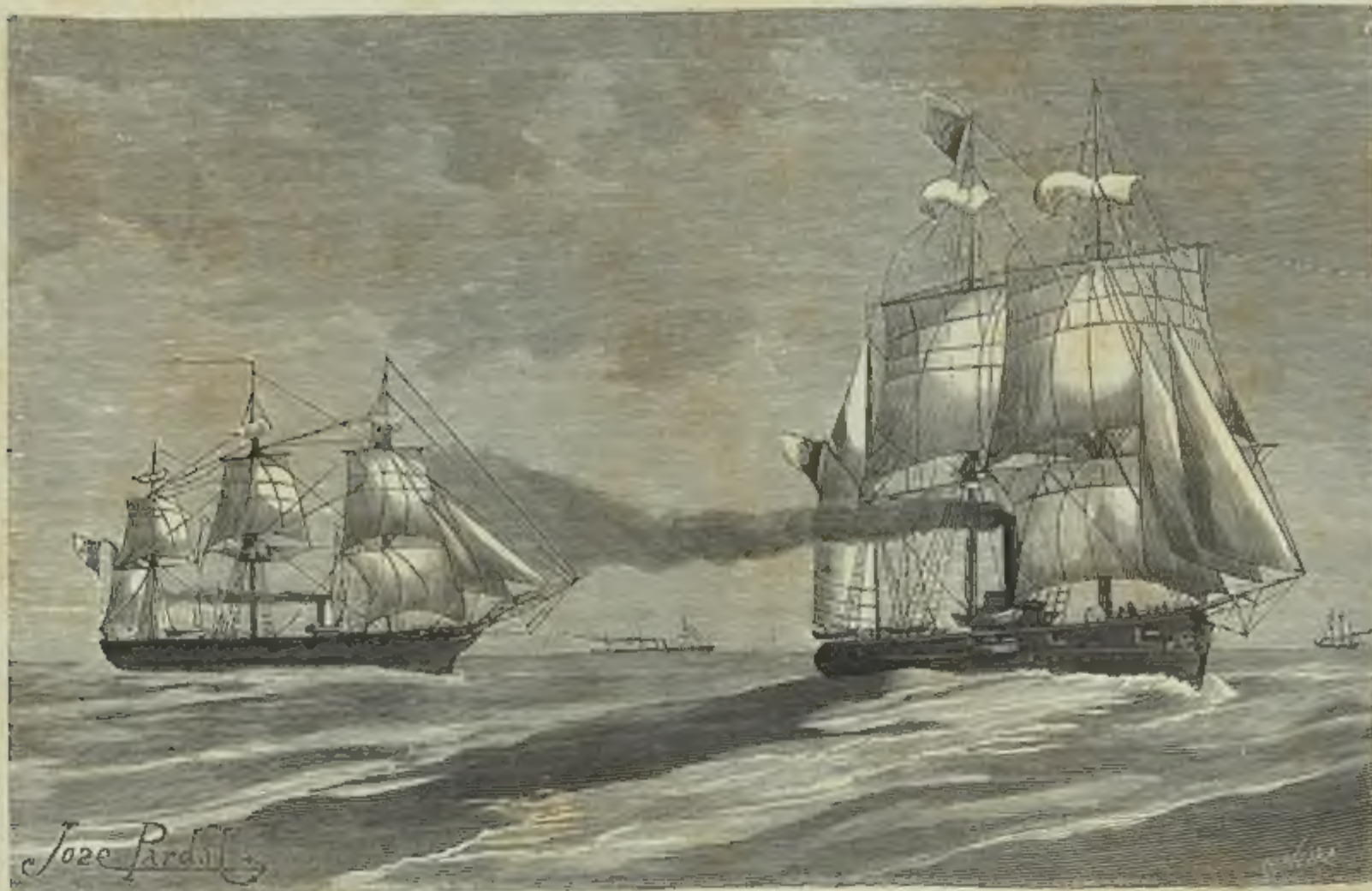
A Companhia é um volumoso e amplo abbade minhoto, de soutaina, chapeu abacial, grande cacete ferrado, cara redonda, enorme, fradesca. Ao lado d'esse abbade d'oculos, na mesma *pose* d'ordem de marcha, encostado tambem ao seu cacete ferrado, está Guerra Junqueiro, muito pequeno, ao pé d'aquella volumosa montanha de carne, fazendo lembrar aquelle grupo extravagante que aqui ha tres annos se mostrava na feira de Belem por um pataco — *El hombre niño y la niña colossal*.

Esse retrato, que a *Semana* reproduziu n'uma bella lythographia creio que é completamente desconhecido em Portugal. Eu pelo menos nunca o tinha visto nem d'elle ouvira falar.

Guerra Junqueiro mandou-o em photographia a Luiz d'Andrade, um distincto escriptor portuense que ha annos segue no Brazil brilhantemente a sua carreira litteraria com o pseudonimo de Julio Vieira, e que conta n'um artigo, que na *Semana* acompanha o retrato de Guerra Junqueiro & C.ª, a historia d'esse singular grupo.

Essa historia é uma *partida* bohemia do grande poeta da morte de D. João.

O cura do retrato é um miguelista façanhudo, um ultramontano feroz, capaz de quebrar o seu opulento marmeleiro nas costas de Guerra Junqueiro se soubesse quem elle era.

Junqueiro porem teve o cuidado de se não dar

José Pardal

VIAGEM DE S. M. EL-REI D. LUIZ — AS CORVETAS «AFFONSO DE ALBUQUERQUE» E «ESTEPHANIA», ENTRANDO NO OCEANO
(Desenho do artista amador sr. José Pardal, copia de uma aguarella do mesmo auctor)

a conhecer, cathechisou o padre, fascinou-o domesticou o a ponto de o levar a transigir com a photographia e de o collocar em *pose* em frente d'uma machina.

«Elle e o cura, formam o mais singular contraste que se póde imaginar, diz Julio Vieira Um é herculeo e rotundo, o outro baixo e magro: um tem nas faces a ingenuidade de 40 annos de missas e de lombo de porco: o outro todos os desesperos do artista. Mas n'aquelle momento em que a photographia os colheu, os dois companheiros estão satisfeitos e triumphaes.»

Continuando a folhear a *Semana* encontramos esta deliciosa quadra inedita de Anthero do Quental:

Se queres conhecer o homem e o mundo,
Do proprio coração observa o fundo;
Mas foge de te ouvir e de te ver,
Se a ti mesmo te queres conhecer.

Mais adiante uns bellos versos em francez, dedicados a Sarah Bernhardt por Valentim Magalhães, terminando por esta quadra:

*Donc pour te saluer, femme adorée, aimante*
*Et douce Dona Sol, creatrice de l'Art*
*Pour couronner de vers ton nom: Sarah Bernhardt*
*Il faudrait evoquer la grande lyre absente?*

E justamente com o nome de Sarah Bernhardt encontramos na *Semana* muitos nomes nossos conhecidos, alguns dos quaes fizeram em tempo grande sensação em Lisboa e deixaram aqui um rasto luminoso.

Um d'elles por exemplo, dominou toda uma epocha theatral, foi o acontecimento principal d'um inverno lisboeta e d'um inverno que teve tambem outro assumpto que fez bastante bulha — os innundados, foi mais que um acontecimento, foi uma completa revolução nos nossos habitos pacatos e morigerados, foi quasi que um escandalo.

Sabem já que fallamos da Preziosi.

Pois a Preziosi de quem ha dez annos não tinhamos noticia, e que ha poucas semanas passou no Tejo a bordo d'um paquete que seguia para o Brazil, está tendo no Rio de Janeiro um grande successo na *Perichole*, n'essa mesma *Perichole* que em 1876 fazia passear todas as noites Lisboa inteira até á rua Nova da Palma.

Outro nome que encontrámos tambem na *Semana* teve egualmente em Lisboa um periodo aureo, seguido rapidamente d'uma queda estrondosa: teve o Capitolio no theatro do Principe Real e a rocha Tarpea no theatro de D. Maria.

A imagem não é nova, e parece-nos que é a primeira vez que a vamos arrancar ao diccionario dos logares communs para a intercalar na nossa humilde prosa, mas a actriz a quem ella se refere não é muito mais nova, nem é muito menos banal do que os logares do diccionario a que alludimos.

Advinharam tambem já de certo que falamos de Celestina Paladini, uma actriz italiana a quem Lisboa fez umas ovações que intrigaram toda a Italia artistica e que depois de a encher de coroas no theatro do Principe Real a deixou erma de meias coroas no theatro de D. Maria.

Pois a Paladini está representando em portuguez no *theatro Lucinda* do Rio de Janeiro e com pouca fortuna tambem.

O reportorio é ainda o mesmo. A peça em scena ultimamente era a *Dama das Camelias*. Margarida Gauthier Paladini, ao lado de Margarida Gauthier Sarah Bernhardt fez um triste papel, e o publico e a critica disseram-lhe quasi com a mesma franqueza com que — mesmo sem esse esmagador confronto — lh'o disse ha dez annos em Lisboa Ramalho Ortigão nas *Farpas*.

Quem está tendo no Rio de Janeiro uma nomeada muita lisongeira é a sr.ª Mantelli, a graciosa meio-soprano, que ouvimos duas epochas successivas em Lisboa sempre com muito agrado, e de quem na epocha passada mais d'uma vez nos lembramos com saudades.

Pois Eugenia Mantelli vae fazendo briosamente o seu caminho, e d'aqui a pouco tel-a-hemos estrella.

Os criticos lyricos do Rio de Janeiro, fazem grandes elogios á sua bella voz, ao seu gentil talento, ás suas graciosas aptidões theatraes e pedem já que lhe deem a parte de Leonor na *Favorita*.

Vae em bom caminho a Mantelli para esse porto desejado da gloria que é o sonho dourado de todos os artistas.

No fim de contas começamos por annunciar que iamos tratar dos artistas portuguezes no Brazil, e temos falado de tudo menos d'isso.

É que nos pareceu interessante esta pequenina viagem atravez da *Semana* brazileira, n'estes tempos em que uma viagem atravez de Lisboa em ferias não offerece interesse algum, e que nos deixámos levar pelo prazer de falar d'artistas nossos conhecidos e de quem ha muito não tinhamos noticias.

Em quanto aos artistas da companhia do theatro de D. Maria o seu *successo* no Rio de Janeiro tem sido brilhante e lucrativo.

Grandes casas sempre ás recitas da companhia portugueza, e muitos applausos especialmente para os dois actores Rosas, aquelles que a critica mais distingue com os seus elogios.

A actriz Virginia tem sido muito applaudida tambem, os jornaes brazileiros fazem ampla justiça ao seu delicado talento, a correcção graciosa do seu jogo scenico, mas notam-lhe a ausencia de grandes rasgos dramaticos, observação que vem fatalmente do confronto immediato com a Sarah Bernhardt, cujas representações tem coincidido com as da companhia portugueza.

O grande successo dos artistas de D. Maria, no Rio de Janeiro tem sido *successo* d'ensemble d'afinação, e ahi os jornaes brazileiros confessam enthusiasticamente que nunca assistiram a desempenho tão eguaes e tão harmonicos.

Amelia da Silveira, a graciosa *Miss Lucy* da *Sociedade onde a gente se aborrece*, tem agradado muito no Rio, e a actriz Falco tem tambem conquistado muitos applausos do publico e da critica.

Quando estavamos para fechar esta chronica recebemos da Bahia um exemplar do brinde da imprensa bahiana a Cesar Polla na noite do seu beneficio, em 18 de julho ultimo.

Esse brinde é um jornal unico tendo na 1.ª pagina um bello retrato de Polla cercado de todos os jornaes da Bahia, *Diario de Noticias*, *Gazeta da Bahia*, *Jornal de Noticias*, *Diario da Bahia*, *Diario do Povo*, *Triplice Alliança*, *Gazeta Medica*, etc., e nas duas folhas de dentro, em *facsimile*, pequenos artigos a respeito do distincto actor portuguez, escriptos pelos mais illustres jornalistas e homens de lettras da Bahia, Victorino Pereira, Dr Constantino Alves, Ezequiel Brito, Dr. Diolindo Galvão, Dr. R. Magalhães, Lopes Cardoso, C. Bahia, Dr. Lisboa, Virgilio Gordilhon, Xavier Marques, Dr. Vianna, Eduardo De Vecchi, Freire de Carvalho, Pamphilio de Santa Cruz, Raymundo Bizarro, Barbosa Nunes, Neiva, Martins Telles, Aristides, Alexandre d'Andrade, etc.

Esta homenagem da parte pensante do publico da Bahia a Polla é muito honrosa não só para o artista como tambem para a arte portugueza, que na Bahia e no Rio de Janeiro está conquistando brilhantes triumphos, e honrando o nome portuguez.

E é por isso que com todo o prazer registamos n'estas chronicas esses triumphos e nos alegramos sinceramente com elles.

*Gervasio Lobato.*

## VIAGEM DE SUA MAGESTADE EL-REI D. LUIZ

Pelas 4 horas da manhã do dia 2 do corrente sahiam a barra de Lisboa a corveta *Affonso d'Albuquerque*, conduzindo a seu bordo el-rei D. Luiz e a corveta *Estephania* comboiando a *Affonso d'Albuquerque*. Navegando com panno e vapor seguiram até ao cabo da Roca, entrando no oceano pelas 6 horas, com vento fresco.

El-rei conservou-se na ponte até ás 5 horas, descendo depois aos seus aposentos.

A nossa gravura da primeira pagina, reproducção d'uma bonita aguarella feita pelo sr. Pardal, artista amador, que tem uma verdadeira paixão por todos os assumptos maritimos que lhe forneçam motivos para o seu lapis e para os seus pinceis, representa os dois navios entrando no oceano e seguindo na esteira um do outro.

A corveta *Estephania* perdendo andamento, em consequencia do precario estado das suas caldeiras, zombou de todos os esforços empregados pela officialidade, e foi distanciando-se da *Affonso d'Albuquerque*, perdendo-se de vista, pela pôpa d'esta, na mesma tarde do dia em que saliu.

No dia 5 de madrugada avistou-se o pharol de Pessant por estibordo e pouco depois entrava a *Affonso d'Albuquerque* no canal da Mancha.

Na tarde d'esse dia, pelas 5 horas, entrou a corveta em Plymouth, com o estandarte real içado e trocando as saudações do estylo.

Em Plymouth esperava el-rei, no hiate *Victoria and Albert* o duque de Connaught, filho da rainha Victoria. O encontro d'el-rei com o duque foi dos mais affectuosos. O almirante Phillimore pediu licença a el-rei para lhe apresentar a officialidade superior que o acompanhava. O sr. conselheiro Dantas, ministro portuguez em Inglaterra, e mais pessoal da legação, em que entravam o sr. conde da Anadia, Fonseca Vaz, etc., estavam presentes á chegada de sua magestade.

El-rei D. Luiz depois de ter recebido os comprimentos e de ter trocado palavras affectuosas com as pessoas presentes, passou para bordo do *Victoria and Albert* a convite do duque de Connaught e seguiu directamente para Osborne.

A corveta *Estephania* só chegou a Plymouth 9 horas depois da *Affonso d'Albuquerque*, e deu causa a esta demora, alem da circumstancia já apontada, uma avaria que teve no helice pela altura das Berlengas, que a obrigou a perder 3 horas em arranjos.

Este navio ha 17 annos que faz serviço quasi sem interrupção e por isso o seu estado não é dos mais lisongeiros comparado com um navio novo, como é a *Affonso d'Albuquerque*.

El-rei D. Luiz tem seguido a sua viagem, demorando-se em Londres, onde visitou alguns estabelecimentos publicos e assistiu, no dia 9, á representação, no theatro da opera japoneza, do *The Mikado* de Gilbert e Sullivan.

No dia 10, sua magestade partiu para Queenborough, embarcou no hiate real para Flusing, seguindo depois para Amsterdam.

No dia 11, ás 6 horas da manhã, chegou el-rei a Amsterdam, hospedando-se no Erack Soelen Hotel, e no dia seguinte foi jantar com o rei da Hollanda no seu castello de Soestdyick.

Ás 6 horas da tarde do dia 13, chegava sua magestade a Utrecht. Na fronteira allemã, em Emmerich, era esperado el-rei pelo marquez de Penafiel, ministro portuguez em Berlim e mais pessoal da legação Por toda a parte tem o rei portuguez recebido as maiores provas de alta consideração e as mais expontaneas demonstrações de agrado.

De Emmerich seguio sua magestade para Hamburgo, tomando o incognito e dispensando, portanto, todas as honras militares.

El-rei segue para a Suecia, onde vae visitar o rei Oscar II, que é um distincto cultor das lettras e das sciencias e que tem entretido com D. Luiz uma correspondencia muito interessante sobre esses assumptos.

No dia 9 de setembro el-rei D. Luiz deverá estar no palacio de Sigmaringen, onde assistirá ás bodas de prata de sua augusta irmã a princeza D. Antonia.

*A.*

## MOSTEIRO DE ODIVELLAS

### I

#### A lenda do voto

O divertimento mais predilecto de el-rei D. Diniz era o dos exercicios venatorios, não os monotonos e fatigantes da caça rasteira ou do ar; mas sim o de alteneria, cheio de peripecias e de combates, que tão intimamente se casavam com o espirito guerreiro da epoca, e, com os costumes e habitos dos principes e dos fidalgos.

Achando-se, pois, em Beja el-rei D. Diniz, no anno de 1294, resolveu um dia ir montear para uma serra, algumas leguas distante da cidade. Numerosa comitiva de fidalgos e de criadagem acompanhavam o monarcha. Porém este em breve se viu só, porque deitando a correr atraz de uma corsa, affastára-se com tal velocidade, que a todos os seus perdera de vista. No meio, porém, da carreira, já embrenhado em uma densa floresta, foi assaltado por um grande urso, que o accommetteu com tanta violencia, e tão de improviso, que o lançou por terra, de costas, sem lhe dar tempo a defender-se. Não perdeu o animo el-rei, vendo-se sob as garras da fera. Com um supremo esforço da sua coragem, já bem provada, arranca da cinta um punhal ou faca de matto, e crava-a no peito do possante inimigo com tanta fortuna, que lhe atravessa o coração, matando-o instantaneamente. A real comitiva chegou quando o soberano acabava de sair victorioso de tão tremenda lucta.

No momento solemne do perigo, fez voto el-rei de fundar um mosteiro para religiosas de S. Bernardo, se saisse a salvamento de tão perigoso transe. Esta é a lenda. Se a não auctorisam documentos escriptos, ha todavia um documento em pedra, que a confirma, em nossa opinião de um modo irrecusavel. Trataremos d'esse documento em logar proprio.

II

Fundação do mosteiro

N'esse mesmo anno de 1294 cuidou o rei Lavrador de se desobrigar do seu voto, procurando obter as necessarias licenças ecclesiasticas, e mandando aprompiar materiaes para a obra.

Ultimadas estas primeiras disposições, partiu el-rei D. Diniz dos seus paços de Alcaçova, acompanhado da rainha D. Isabel, sua esposa, das principaes pessoas da côrte, e do bispo de Lisboa, D. João Martins de Soalhães, para a quinta que o soberano possuia em Odivellas, a duas leguas de Lisboa. E' achando se já abertos os cabouços n'aquella quinta, n'elles lançou el-rei D. Diniz a pedra fundamental do novo templo e mosteiro aos 27 de fevereiro de 1295, com a maior solemnidade.

Correram os trabalhos de construcção tão diligentemente, que ficaram terminados ao cabo de dez annos. Portanto fez doação do mosteiro el-rei D. Diniz ás religiosas de S. Bernardo no anno de 1305.

Fez o risco e dirigiu os trabalhos de construcção o architecto Affonso Martins. Foi consagrada a egreja a Nossa Senhora, a S. Diniz e a S. Bernardo; porém, ao segundo é que o povo adjudicou o titulo de padroeiro.

Passava então este mosteiro por ser o mais grandioso, que havia no reino. Era o seu templo bastantemente vasto, e no mosteiro accommodaram-se, logo que se acabou, 80 freiras, cujo numero foi ao diante muito augmentado.

III

Os annaes do mosteiro

Commemoram estes annaes dois acontecimentos tristes, que enlutaram a nação nos principios e meiado do seculo XV. Estava prestes a largar do Tejo a poderosa armada, que ia levar el-rei D. João I e seus illustres filhos á conquista de Ceuta, quando rebentou a peste em Lisboa.

Apressou se o monarcha a affastar do perigo a esposa, que ternamente amava, conduzindo a para Sacavem, mas como logo depois se dessem ahi alguns casos da terrivel epidemia, escolheu para logar de refugio o mosteiro de Odivellas. Infelizmente entrou n'elle a rainha D. Filippa de Lencastre, levando já em si o germen do contagio, e ahi falleceu em 19 de julho de 1415.

Soprada a discordia, por um grande e odiento ambicioso, entre o joven rei D. Affonso V e seu tio e sogro o desventurado infante D. Pedro, duque de Coimbra, foi este morto na desastrada batalha d'Alfarrobeira, junto d'Alverca, em 20 de maio de 1449.

Perseguidos pelo mesmo odio, que abriu a sepultura do desditoso pae, os filhos do infante D. Pedro, e a propria mulher d'este, a infanta D. Izabel de Aragão, viram-se obrigados a procurar na fuga a salvação. Sua joven filha, D. Filippa, apenas com doze annos de idade, foi acolher-se á sombra das sagradas abobadas do mosteiro de Odivellas, onde permaneceu, vivendo segundo a regra monastica, mas sem professar, até que falleceu com 56 annos em 1497. Jaz em tumulo de pedra. Tambem alli passou algum tempo a princeza Santa Joanna, entregue aos cuidados de sua tia, D. Filippa de Lencastre, irmã da rainha D. Izabel, mulher d'el-rei D. Affonso V.

Achando-se a egreja e o mosteiro muito deteriorados pela acção do tempo, no meiado do seculo XVII, procedeu-se por ordem de el-rei D. João IV a uma reconstrucção quasi geral, feita, segundo o nosso antigo costume, sem respeito algum pela architectura primitiva.

Foi, porém, ainda mais desastrosa para o monumento d'el rei D. Diniz a reedificação ordenada por el rei D. João V no seculo seguinte. D'esta vez tratou se mais de accrescentar o que estava feito com edificações nov s, que reparar avarias do tempo. O mosteiro foi tão augmentado com dormitorios novos, que a communidade chegou a compôr se de 260 religiosas. Adquiriu n'esse tempo o mosteiro de Odivellas uma grande celebridade, devida em parte ao brilho e magnificencia das festas religiosas e populares, que se celebravam em certos dias do anno, e na eleição das abbadessas na sua egreja e no visinho terreiro; e tambem devida ás liberdades, que as freiras desfructavam, e ás murmurações a que davam pasto.

O terremoto do 1.º de novembro de 1755 causou consideraveis estragos na egreja e no mosteiro. Foram reparados em uma terceira reconstrucção.

Pelo fallecimento da ultima freira, ficou ha pouco extincto o mosteiro de Odivellas, entrando o estado na posse d'elle.

(Continua) *I. de Vilhena Barbosa.*

## Uma visita ao Limoeiro

III

Com o ultimo carrasco, Luiz Negro, que morreu em 18 de agosto de 1873 (1), deixou a prisão do carrasco de ter habitador, e por isso se nos não movia a curiosidade de irmos vêr o singular carrasco, magarefe de gente, matando por conta e ordem do codigo penal, tinhamos ao menos o interesse que se associa ao nosso espirito, quando visitamos os logares celebres por qualquer facto ou ideia que lhes esteja ligado.

Muito pouco, porem, nos pagou a prisão do carrasco á nossa curiosidade e interesse. Ficámos caloteados.

O cicerone mais historista não encontraria alli com que desempenhar o seu officio, não nos poderia dizer: — Aqui estava a cama do carrasco; n'este logar passava elle a maior parte do seu tempo; ainda se conhece na parede a sujidade do seu fato pouco limpo, da sua cabeça encebada; estas grades estão mais polidas aqui, pelas suas mãos que diariamente se agarravam a ellas, quando sentia fortes desejos de liberdade; emfim muitos outros nadas que, contados na tradicção, assumem proporções grandiosas que fazem o visitante abrir muito os olhos, na contemplação platonica e modesta do que se não chega a apreciar positivamente.

A prisão do carrasco não conserva nenhuma d'essas recordações e a unica cousa que extrema aquella prisão das demais, é a porta de grossas grades duplas que bem mostra o cuidado com que era preciso guardar o habitante d'aquellas abobadas.

O interior da prisão está transformado em caserna dos fachinas, que são presos encarregados d'esse serviço.

São em numero de 16 os fachinas, e por este serviço extraordinario recebem a gratificação de meio pão, e mais nada.

N'isto, e em tudo o mais, vê-se que a mais rigorosa economia se aninha sob aquellas pobres abobadas, testemunhas de tanta miseria, e que o celebre bispo de Vizeu nada tinha alli que fazer, por maior febre economica de que estivesse possuido.

Mas deixemos a caserna e entremos por um corredor escuro de abobada que nos conduz á casa dos banhos.

Aqui exclamará o leitor meio maravilhado, como nós exclamámos:

— Tambem ha casa de banhos, no Limoeiro!?

*In nomine*, tivemos nós logo occasião de vêr, e o guarda pressa se de nos esclarecer, no meio d'aquella casa escura, que apenas recebe luz por uma pequena janella gradeada.

Para amostra, pouco convidativa, existe lá uma especie de tina feita com umas taboas que foram pintadas de encarnado, e que se nos afigurou mais um esquife, que uma tina saudavel em que gente se banhasse hygienicamente.

Em compensação a tal casa nadava em agua que parecia sahir debaixo das lages do pavimento, como se fôra uma nascente, tal era a grande humidade que transpirava pelas paredes e pavimento, talvez não menos abundante que as lagrimas que alli correram de tantos desgraçados condemnados á morte, antes do ultimo supplicio.

Se é uma irrisão chamar se a esta casa, casa de banhos, depressa nos confrange o coração quando sabemos que ella foi a prisão dos condemnados á morte, e como se esta idéia não bastasse para nos entristecer, encontrámos sob os nossos pés, vestigios bem palpaveis d'essa monstruosidade, nas argolas de ferro chumbadas ao pavimento, e ás quaes estiveram presos, por grossas cadeias, os desgraçados que iam pagar no patibulo com a vida, a enormidade dos seus crimes ou simplesmente as suas opiniões politicas.

Devia ser medonho o aspecto d'aquella casa então! Escura e isolada de todo o rumor externo pelas suas espessas abobadas, era o sepulchro da vida dos que alli jaziam por noites e dias interminaveis, longas horas de agonia extrema, inconsolavel, de uma esperança fugitiva, em que os ais, os lamentos, as exclamações angustiosas se repercutiam pelas abobadas sonoras, como que uma orchestra de dôr accordemente entoada por corações dilacerados.

Retirámo-nos confrangidos d'aquelle triste recinto, mas estava-nos reservado um outro espectaculo vivo que tambem nos impressionou profundamente.

(1) Luiz Antonio Alves dos Santos, por alcunha o Luiz Negro, falleceu na enfermaria da Cadeia do Limoeiro a 18 de agosto de 1873, com 67 annos de edade. Foi este o ultimo carrasco que houve em Portugal.

E a Casa Forte, no que vae um certo epigramma ás suas collegas cá de fóra, existentes nos estabelecimentos bancarios.

N'estas guardam-se os valores mais preciosos, n'aquella os presos mais valiosos pela sua reincidencia no crime. Na primeira conservam-se os valores ao abrigo de qualquer damno, na segunda põem se os presos á mais dura prova da sua robustez, no meio de uma atmosphera fria e humida, sob umas abobadas pouco elevadas e onde a luz só penetra a custo por uma janella quasi rente do pavimento, fortemente guardada por duas ou tres ordens de grades de ferro.

No vão de um arco da abobada, uma grossa grade de ferro divide a prisão da casa onde nós estavamos, e foi atravez d'essa grade que Christino conseguiu desenhar o interior da Casa Forte.

A nossa presença alli despertou indolentemente a attenção de um preso que estava deitado em uma enxerga sobre as lages do pavimento. Um outro preso assumou entre um arco da abobada que se prolongava para a direita, fumando um cigarro, unica distracção de que porventura poderia usar, se o tabaco lhe não faltasse, como lhe faltava tudo, pelo que se via, incluindo o proprio senso commum.

Eram só dois os presos que alli estavam, e por pouco permaneceriam n'aquelle logar, unicamente destinado a corrigir as faltas maiores, commettidas pelos presos nas outras prisões.

O nosso guia observou nos que oito dias de hospedagem n'aquell casa, eram sufficientes para curarem, pelo menos temporariamente, as reincidencias dos presos, e a rasão d'isto é muito simples. Quando sahem d'alli, quasi que precisam ir amparados; o frio e a humidade do logar entorpecem-os e debilitam-os bastante, para que se possam mecher desembaraçadamente, e fiquem com vontade de para lá voltarem.

D'isto fomos nós bons testemunhas, no curto tempo que alli nos demorámos, e comprehendemos perfeitamente a grandeza do soffrimento de tantos martyres que se sacrificaram á patria, por essas casas matas das fortalezas, peiores que esta ainda, e onde jazeram por largos tempos, apagando-se-lhes a vida para sempre aos menos robustos, ou sahindo de lá, os mais fortes, prematuramente envelhecidos e doentes.

— Com este castigo devem ficar curados, interroguei eu o guarda.

— Nem sempre, me respondeu, ainda que isto é só para os maiores delictos.

— Então ainda ha outra prisão para os delictos mais pequenos?

— Ha; é o segredo.

(Continúa) *Caetano Alberto.*

## O conselheiro João Cesario de Lacerda

Governador geral da Provincia de Cabo-Verde

(Continuação)

VI

Por occasião de volver a Lisboa com licença, em Julho de 1877, o Secretario Geral da Provincia de Cabo Verde, João Cesario de Lacerda, — achava-se tristemente vago na Secretaria de Marinha o logar que João Francisco Barreiros alli exercia de Director da Repartição de Saude Naval e do Ultramar.

Illustrados membros conta hoje honrosamente no seu gremio a nobre classe dos nossos facultativos navaes. Mas incontrar entre elles quem satisfactoriamente pudesse preencher a vacatura deixada pel fallecimento do commendador Barreiros — constituiria talvez um difficil problema para quem n'aquelle tempo geria a pasta dos negocios da Marinha e do Ultramar, se providencialmente não acertasse o feliz ensejo de apresentar-se, com tão excepcionaes aptidões, o facultativo João Cesario de Lacerda.

Ninguem, como elle, estava no caso de alliar a uma intelligencia superior, a uma illustração aprimorada, e a um sagacissimo criterio, o cabal conhecimento das nossas colonias, e a practica do expediente burocratico; por isso, ninguem, como elle, no caso de ir acertadamente desimpenhar as complexas funcções que haviam pertencido a João Francisco Barreiros.

O nome de João de Lacerda estava portanto naturalmente indicado.

Convidado a prestar mais esse bom serviço ao paiz, João de Lacerda accedeu a pedir sua exoneração do cargo de Secretario Geral, — e foi exercer o logar de Director na Repartição de Saude Naval e do Ultramar, — conservando-se ahi por

todo o tempo que ainda durou similhante organização de serviço, e desimpenhando com proficiencia notavel os deveres inherentes a um cargo de tantas exigencias e tanta responsabilidade.

Extincta em 1878 a Repartição de Saude Naval e do Ultramar perante uma reforma a que o Governo procedeu de serviços burocraticos, — lá vamos incontrar judiciosamente aproveitados ainda pelo respectivo Ministro os talentos e as aptidões de João de Lacerda, escolhido agora para Chefe da Secção de Saude na Direcção Geral da Marinha.

Da maneira louvavel por que se houve n'esse novo logar o nosso habilissimo funccionario, digam e attestem quantos ministros alli geriram os negocios da Marinha e do Ultramar, durante os oito annos que vão decorridos desde que João de Lacerda tomou posse do cargo até que sobre elle recahiu a escolha para Governador Geral da Provincia de Cabo Verde. E todos elles (estou certo), todos elles (sem distincção de partidos politicos) hão de reconhecer e confessar que á proficiencia de tão zeloso obreiro devem a realização de importantes trabalhos n'aquelle especialissimo ramo de publica administração.

João de Lacerda com a serenidade imperturbavel que o caracteriza, e por detraz da qual se esconde (sob uma apparente indolencia) a mais vivaz actividade, — João de Lacerda, sem nunca abandonar aquella systematica placidez (que lograrà por vezes illudir quem a fundo o não conheça), — João de Lacerda resolvia n'um prompto volver-d'-olhos e com sagaz acerto as mais intricadas questões, dando facil e rapido expediente aos multiplices e complicados negocios que em suas funcções burocraticas lhe cumpria technica e practicamente incarar.

E em meio de tudo lhe não ficavam postergidas as suas aptidões de escriptor.

Fóra da secretaria, João de Lacerda acceitára definitivamente o seu quinhão nas lides jornalisticas.

A politica intrára a cubiçar-lhe os talentos de publicista.

João de Lacerda não soube cerrar os ouvidos á fascinante voz d'aquella sereia, por cujo funesto influxo tantos se deixam incautamente naufragar abandonando de vez o campo da litteratura.

Convento de Odivellas, vista exterior (Desenho do natural por C. Alberto)

João de Lacerda, porém, teve o bom senso de só corresponder aos galanteios da *coquette*, quando reconheceu solidamente garantida a conservação da sua individualidade litteraria, solidamente garantida a consubstanciação do litterato com o politico, tal qual anteriormente já se realizára a consubstanciação do litterato com o medico.

Litterato na *Illustração Luso-Brazileira*, na *Aurora Litteraria*, no *Murmurio*, na *Revolução de Septembro*, no *Conservador*, na *Gazeta de Portugal*, no *Diario de Noticias*, — João de Lacerda tomou parte effectiva na redacção politica do *Diario Popular* desde 1881 até ao presente. E ahi mais uma vez affirmou os seus bons creditos de escriptor correctissimo e não menos habil polemista. Ahi mais uma vez demonstrou os finos quilates do seu ingenho e a utilissima applicação da sua constante laboriosidade.

A esses dotes deveu elle haver sido instado para correspondente do *Jornal do Porto* e da *Aurora do Lima*, — incargos que durante algum tempo acceitou, e a que sempre brilhantemente satisfez.

Mas (como tive occasião já de ponderar) o «cultor das lettras» não se deixára absorver pelo «escriptor politico». O litterato sobresahia sempre, mesmo quando impunhava a penna de polemista. Por vezes mesmo, um ou outro escripto de litteratura amena vinha evidenciar accêso aquelle fogo sagrado, que outrora nos bancos das aulas tanto haviamos assoprado ambos em fraternal camaradagem.

Assim o vemos nós no vol. IV do *Occidente* honrar as columnas d'este periodico, publicando (a pag. 46) um interessante e substancioso artigo com respeito aos «Paços do Concelho da Ilha de S. Vicente», e outro (a pag. 195) relativamente ao «Quartel Militar da Cidade da Praia (de Cabo Verde)».

Em *Os Dois Mundos* (esplendida illustração que em Paris, de 1877 a 1881, se publicou para Portugal e Brazil, — e cuja direcção litteraria me pertenceu durante os ultimos seis mezes por amavel convite de Salomão Saragga, seu proprietario) permittiu João de Lacerda tambem (por instancias minhas) que sahisse publicado um formosissimo conto cabo-verdense, conto que, a pedido meu, elle se prestou a escrever, e a que poz por titulo «*Os cabellos de Lota*».

No genero *contos* citarei ainda outra producção, muito galante, devida á phantasia do meu biographado. «*Rosa*» é o nome que ella lhe deu. Vem publicado em um dos volumes que o *Diario de Noticias* costuma annualmente offerecer como «brinde aos assignantes».

E, quando em Fevereiro de 1881 o editor David Corazzi me convidou para lhe organizar o plano e assumir a direcção litteraria da sua *Bibliotheca do Povo e das Escolas*, um dos collaboradores em que immediatamente pensei, um dos mais prestantes auxiliares a que impenhadamente recorri, foi o meu antigo companheiro d'aulas, o meu velho amigo da adolescencia, aquelle com quem, apoz tantos annos de rotação divergente, eu ia ter novamente o gosto de me incontrar em fraternal communidade de trabalhos.

Na *Bibliotheca do Povo e das Escolas*, — en-

## UMA VISITA AO LIMOEIRO

Enxovia n.º 1, na Cadeia Civil de Lisboa, o Limoeiro (Desenho do natural por J. R. Christino)

Sala n.º 1, ou Sala das Columnas, na Cadeia Civil de Lisboa, o Limoeiro (Desenho do natural por J. R. Christino

cyclopedista que já hoje conta 135 volumes, e que tão lisonjeiramente ha sido recebida pelo favor do publico, — João de Lacerda tem o seu nome associado a nada menos de dez opusculos, planeados e escriptos todos elles com aquella escrupulosa consciencia, aquelle methodico rigor, e sobretudo aquella clareza de elegante exposição por que assaz se recommendam sempre os seus escriptos didacticos, mórmente quando (como n'este caso) destinados ás classes escolasticas e populares, em harmonia com o lemma que a *Bibliotheca do Povo e das Escolas* inscreveu no seu programma de propaganda instructiva para Portuguezes e Brazileiros.

Os volumes que na citada collecção demonstram as aptidões variadissimas de João de Lacerda como escriptor, são os seguintes:

*Chorographia de Portugal;*
*Economia politica;*
*Hygiene;*
*As colonias portuguezas;*
*Codigo civil portuguez;*
*Anatomia humana;*
*Physiologia humana;*
*Historia antiga;*
*Historia da Edade Media;*
*As ilhas adjacentes.*

Na *Bibliotheca do Povo e das Escolas,* — em cujos opusculos teem collaborado A. B. dos Santos Martins (professor de philosophia racional e moral, no ensino particular), Achilles Machado (alferes alumno, classificado para o curso de engenharia), Anthero de Brito (botanico), D. Antonio José de Mello (alferes de cavallaria), Antonio Maria Baptista (professor particular de instrucção primaria e secundaria), Candido José Ayres de Madureira (abbade de Arcozello), Carlos Adolpho Marques Leitão (tenente de infanteria, e professor de desenho no Real Collegio Militar), Carlos Bandeira de Mello (capitão de artilharia), Carlos Dinis (1.º tenente da armada), Ernesto de Vasconcellos (1.º tenente da armada), F. A. Celestino Soares (major reformado), F. de Arruda Furtado (naturalista adjunto no Museu Zoologico da Escola Polytechnica), G. L. dos Santos Ferreira (tenente d'infanteria em commissão no Ministerio da Guerra), Guilherme de Sousa (ingenheiro agronomo e professor), Henrique Freire (professor na Escola Normal de Evora), J. A. Pereira Nunes (chefe de secção na Administração dos Correios, Telegraphos e Pharoes, de Lisboa), J. Antunes Pinto (professor no Instituto Geral de Agricultura), J. F. Marques Pereira (jornalista), J. Fernandes Costa (capitão de artilharia), J. Leite de Vasconcellos (medico), J. M. Greenfield de Mello (capitão de artilharia e professor de lingua ingleza no Real Collegio Militar), J. M. P. Forjaz de Sampaio (bacharel em Direito), João Maria Jalles (capitão de artilharia), João de Mendonça (jornalista e professor), João Salgado (professor official de instrucção secundaria em Setubal), Joaquim dos Anjos (typographo), José de Arriaga (bacharel em Direito), José Augusto Saraiva (professor official de instrucção secundaria em Alemquer), José Eduardo Gomes (agronomo), Dr. José Frederico Laranjo (professor na Universidade de Coimbra), José Maria da Graça Affreixo (estudante de Direito na Universidade de Coimbra), José de Mello (gerente da casa editora «David Corazzi» na Filial do Rio de Janeiro), José da Silva Teixeira (professor de linguas no Porto), J. T. da Silva Bastos (funccionario publico, habilitado com o Curso Superior de Lettras), Julio Lecour e Menezes (professor de instrucção secundaria no Porto), Julio Leitão (habilitado com o Curso de Minas do Instituto Industrial e Commercial de Lisboa), Ludovico Caetano de Menezes (alumno do Instituto Geral de Agricultura), Luiz Antonio Rebello da Silva (professor do Instituto Geral de Agricultura), D. Luiz Carlos da Costa de Sousa de Macedo (bacharel em Direito), M. Pinheiro Chagas (professor do Curso Superior de Lettras), Manuel de Macedo (conservador do Museu Nacional de Bellas-Artes), M. Rodrigues de Oliveira (facultativo naval, e actual director do Hospital de Marinha), Paulo Lauret (professor de gymnastica e esgrima no Porto), Pedro dos Reis (jornalista), Ricardo O'Konnor (telegraphista), Rodrigo de Boaventura Martins Pereira (professor da Escola Medico-Cirurgica de Lisboa), Thomaz Salter de Sousa (alumno da Escola Polytechnica), Vicente Almeida d'Eça (professor da Escola Naval), Victor Ribeiro (jornalista, habilitado com o Curso de Minas pelo Instituto Industrial e Commercial), Viriato Silva (litterato brazileiro), Visconde de Castilho (socio da Academia Real das Sciencias, e conservador da Bibliotheca Nacional de Lisboa), — o conselheiro João Cesario de Lacerda representa, em meio de tão brilhante pleiade, um dos collaboradores que mais teem concorrido para o bom renome d'essa popular collecção de livrinhos uteis.

(Conclue no proximo numero) *Xavier da Cunha.*

---

# CHRONICAS DE ODIVELLAS

## IV

Um dos ultimos numeros do *Diario de Noticias* inseria um appello á caridade publica para as reclusas de Odivellas. Hoje que as pobres mulheres recolhidas dentro dos muros d'aquelle mosteiro passam as ultimas horas da sua vida a erguer a Deus o coração e o espirito, aquelles que se dizem catholicos estrenuos, partidarios das ordens religiosas e dos votos das freiras, aquelles que lêem talvez com horror estes meus artigos deixam que umas pobres enclausuradas sollicitem, por intermedio dos jornaes, a caridade publica para não morrerem de fome. No tempo a que se referem estas chronicas, no tempo em que o vicio se abrigava impunemente debaixo das abobadas do mosteiro, o rei freiratico enchia de um luxo insensato o palacio onde abrigava os seus amores, e para onde soror Paula, a sua doida morena, ia por um passadiço, abandonando a cella austera, onde se suppunha que a visitaria em sonhos o Christo seu esposo divino, recostar se nas flacidas ottomanas, onde a esperava o seu regio amante.

Esse palacio da freira, como então lhe chamavam, que communicava com o convento por um passadiço, já se podia dizer que representava uma concessão feita á decencia e á moralidade. Algum tempo antes do arranjo d'esse palacio, D. João V entrava pela portaria do convento, aonde o vinha receber a abbadessa com as suas religiosas. Entrava elle depois sósinho na cella da sua freira predilecta, e a abbadessa esperava-o cá fóra com as suas gentis ovelhas, tremulas de inveja, e quando El-Rei acabava as suas orações, e sahia seguido pela freira que compunha as vestes desarranjadas no ardor dos extasis divinos, acompanhavam-n'o de novo até á porta, onde o esperavam os fidalgos da sua comitiva, se é que não entravam alguns tambem a respigar entre as collegas de Paula alguma flôr que o regio ceifeiro não quizesse colher.

A construcção do palacio era mais decente e mais commoda. Ao principio, a idéa de que estavam fóra da cella a abbadessa e as freiras, esperando devotamente que findassem as orações carnaes, rezadas lá dentro em commum pelo rei e pela sua companheira de preces, devia dar um singular estimulo e um estranho condimento ás regias voluptuosidades; mas o costume embotou o prazer, e a trigueira madeirense não precisava d'essa mostarda para aguçar o appetite do soberano. Era portanto menos escandaloso e mais commodo o novo systema empregado.

Entremos n'esse palacio das *Mil e uma noites,* se mil e uma chegaram a ser, porque o rei era voluvel.

Abre-nos a porta uma das tres mulatas, que, juntamente com mais seis criadas brancas, servem a voluptuosa freira, e a sua irmã pequena, Maria da Luz, que recebe do que vê o mais moral de todos os ensinamentos. As mulatas foram sempre as confidentes d'estes amores impuros, as Cypasses d'estas Corinnas portuguezas. Subimos a escada, onde macios tapetes abafam o ruido dos passos. Se é de noite vemos arder de espaço a espaço a luz serena dos grandes lampiões de cristal mettidos na parede em talha doirada. Afastamos os fartos reposteiros de panno berne bordado de côres, e achamo-nos na primeira sala.

A luz de innumeras velas, que ardem nas serpentinas de prata e nas placas de espelho doiradas, reflectindo-se até ao infinito nos immensos espelhos que abrangem as paredes todas com relevos e figuras doiradas em graciosas attitudes, dá um fulgurante relevo, e uns cambiantes admiraveis ás pregas da seda côr de fogo que forra as paredes, e que é apanhada em passamanes de oiro, uns tons fulvos ás sanefas de talha doirada que rodeiam toda a casa, e reflecte-se ainda com intenso brilho nas duas papeleiras de espelhos doiradas, acariciando mollemente o luzidio veludo côr de fogo e agaloado de oiro das cadeiras, cujos braços e pés de talha, ainda doirada são outras tantas maravilhas da primorosa marcenaria do seculo XVIII.

Passemos á outra sala toda de melania verde com galões de seda crua côr de oiro. Ardem as velas tambem nas serpentinas de prata e nas placas de espelho doiradas. Dois espelhos enormes doirados com relevos e figuras reflectem a chamma das velas, que tambem accende innumeros reflexos prismaticos de mil côres n'uma varanda maravilhosa toda de crystal com chão de pedra enxadrezado, com paredes e columnas de talha doirada. N'essa varanda, no tecto e nas paredes, enlaçam-se em radiosas chorêas as nymphas e as graças, imaginadas nos seus quadros pelos pintores do seculo XVIII, e sobre ellas cáem graciosamente as cortinas de nobreza branca com galões de oiro e borlas de fio de oiro. As cadeiras de veludo verde, e os bofetes doirados e tornedos completam a mobilia. As horas n'aquella sala magica passam dançando, porque cada vez que um relogio de parede as dá, logo um pequeno carrilhão toca um minuete da côrte. Ao lado na velha egreja de D. Diniz é a oração e a vigilia que vae contando as horas. O sino que as dá, toca logo depois para a oração, e chama as religiosas ao côro. No perfumado aposento de Paula, cada hora que vae passando, graciosamente acompanhada por um minuete da côrte, chama a graciosa freira para a voluptuosidade, para os prazeres do mundo e para o amor. A varanda é um refugio encantador. Ahi se vêem umas deliciosas tripodes de veludo azul, côr de oiro e côr de fogo, uns pequenos tapetes de charão negro, e uma banca de veludo verde com pés de charão côr de fogo e côr de oiro.

Ao lado o oratorio, e aqui se sente aquella estranha devoção dos nossos antepassados, que elles sabiam conciliar tão bem com a luxuria e a impiedade. Aquelle palacio do sacrilegio, aquelle palacio da prostituição e da infamia tinha o seu oratorio com uma tribuna d'onde se podia ouvir dizer missa. As cortinas, carmezins bordadas de oiro mostravam que a impudica freira nem ao menos diante de Deus occultava a sua vergonha e o seu torpissimo luxo. O oratorio em si era um primor de arte, todo de talha doirada, com as imagens de Nossa Senhora da Graça, de S. Bernardo e de S. Bento, e de S. João Evangelista nos seus vastos paineis. Abundavam alli as serpentinas e castiçaes, e ramos de prata, as almofadas de tissú e os pannos bordados a oiro.

Não é tudo isto verdadeiramente estranho? Esta freira, arrancada aos pés do altar para vir ser a barregã de D. João V, conserva no fundo de alma todas as suas crenças religiosas, e não passa sem missa e sem oratorio onde tenha as imagens de S. Bernardo e de S. Bento!

Que estranha aberração! Na sua tribuna magnifica assistia a amante de D. João V, freira professa, á missa a que as suas companheiras assistiam tambem por traz das grades do côro. Quando no altar o padre levantava a hostia, quando todos se curvavam com respeito diante d'esse maravilhoso symbolo, ella curvava tambem a fronte peccadora, não para a cobrir com a cinza do arrependimento, mas para a erguer de novo radiosa e branca, e ir encostal-a, depois de se ter persignado devotamente, na almofada de tissú coberta com pannos de oiro, onde a esperavam os labios sensuaes de um amante carnal. Acabada a missa, soror Paula erguia-se, não consolada pelas lagrimas que chorára porque não chorára uma só, mas satisfeita de se vêr adorada pelo poderoso monarcha, invejada pelas suas companheiras, admirada pelo povo, que se apinhava lá em baixo na egreja e que a considerava a ella quasi como uma rainha, passava depois por diante do seu oratorio de prata doirada, fazia a sua genuflexão a S. Bernardo, o santo padroeiro da sua ordem, a S. Bento, de cuja regra se derivou a de S. Bernardo, a Nossa Senhora da Graça, a quem ella pedia de certo o que uma pagã pedia a qualquer das Graças, e ao pobre Evangelista, estupefacto por baixo das suas cortinas bordadas a oiro e com borlas de oiro, de ter de assistir a estas scenas.

E entretanto no Campo da Lã ardiam nas fogueiras dos miseros judeus, e uma multidão proscripta mendigava do estrangeiro o pão do exilio. E por tal fórma revoltante este contraste que chega-se quasi a lamentar que o Terror sanguinolento não passasse n'essa occasião por Portugal, abrazando o convento lubrico n'uma immensa labareda, e apagando as fogueiras da Inquisição com o sangue d'este nefando monarcha, dos seus cortezãos e inquisidores.

*Pinheiro Chagas.*

---

## A Grecia antiga e os seus poetas

Quem diria que os poetas fossem os primeiros legisladores! E, no emtanto, Orpheo, Linos, Amphion, Museu e Olen serviam-se da poesia para disciplinar os povos barbaros da Thercia.

De todas essas poesias resta-nos apenas as de

Orpheo, chamadas *As argonauticas*, e alguns dos mais antigos *mysterios* ou lendas pagans.

É essa a primeira epoca da antiga poesia grega. A segunda começou pela poesia *epica*, poemas que cantam as façanhas dos antigos heroes, cujas proesas se perdem na antiguidade dos tempos. Depois veio a *elegia moral* e a *poesia lyrica*. Esta impregnava-se das crenças dos povos, tomando logar nos festins, nos hymineus, nas luctas dos athletas e nos hymnos de victoria ante os clamores do povo.

Homero, esse poeta lendario, olhado como o deus da poesia foi o creador da poesia epica. Dois longos poemas fizeram a sua gloria: a *Iliada* e a *Odyssea*.

O assumpto da primeira é o rapto de Helena, as desgraças dos gregos no cerco de Troia; a colera de Achilles, sua contenda com Agammenon, seu desafio com o heroe grego Heitor, immolado aos manes do fiel Patrocles.

N'este poema tudo é grande e magestatico: Agammenon rei de todos os reis; a Europa luctando contra a Asia, os deuses contra os deuses; o Olympo que delibera, que premeia e castiga ..

O assumpto da *Odyssea* é a volta de Ulysses ao seu reino de Ilhaca, depois de tomada de Troia; as suas aventuras e o regresso á sua Penelope, depois de vinte annos de ausencia.

Na *Iliada* Achilles retirado na côrte de Lycomedes, canta na sua lyra as grandes acções dos deuses e dos heroes; na *Odyssea* Demodocos, á mesa de Antinous e Phémius, o guarda de Penelope, cantam diversos acontecimentos da guerra de Troia e a volta dos principes gregos. A *Iliada* é um monumento elevado a todas as glorias da Grecia; é um vivo quadro cheio de bellezas sublimes, onde a grandeza da concepção se casa com o arrojado da idéa e a simplicidade do plano. Na *Odyssea* a acção não dura senão quarenta dias, que tantos são os decorridos desde a tomada de Troia até á volta de Ulysses á sua patria. Falta entretanto á *Odyssea* o quer que seja do magestoso que se observa na *Iliada*.

Diz um escriptor francez que aquelle poema é o sol no seu occaso; não tem a plena força do seu meio dia mas que em nada perde da sua grandeza. Homero é sempre o poeta divino, cheio de energia e opulencia. Parece que para elle a arte abriu o seu templo, a Victoria lhe concedeu todos os seus tropheus, e a Belleza todos os encantos de que póde dispôr no seu palacio de magia e seducção. As paizagens, os costumes dos gregos, a simplicidade e a rudeza dos primitivos povos da Grecia, são quadros de vivo interesse e deliciosa ingenuidade. Não o são menos quando elle concita as paixões do coração humano, os transportes de furor, os gritos lancinantes da alma, os arrebatamentos, as emoções plangentes, ternas, vehementes... Tudo alli é photographado com as côres mais vivas e scintillantes. O maravilhoso de Homero é tão verdadeiro, e, ao mesmo tempo, tão rico e variado, tão genial, que chega a deslumbrar.

*
* *

Hesiodo vem occupar logar immediato. O seu vulto não é tão colossal como o de Homero, seu contemporaneo, mas as suas poesias respiram uma simplicidade attica e a sua versificação é elegante e harmoniosa. Legou á posteridade tres poemas o *Escudo d'Hercules*, a *Theogonia* ou *Geneologia dos Deuses* e *Os Trabalhos e os Dias*. N'estes ultimo admira-se na 3.ª parte a descripção do inverno, e o episodio de Pandora, soberbos trechos comparados ás mais bellas paragens do Homero. D'este poema tirou Virgilio as suas *Georgicas*. A *Theogonia* contém a guerra dos gigantes contra os deuses, cuja descripção chega ao sublime. Ha quem affirme que a pintura de Tartaro, onde os Titans são precipitados pelo raio de Jupiter, serviu a Milton para um dos quadros do seu *Paraiso Perdido*. Tanto é certo que os maiores genios copiam uns dos outros e que não ha escriptor nenhum, por mais elevado que seja o seu genio inventivo que possa vangloriar-se de ser inteiramente original!...

O *Escudo d'Hercules* foi tambem imitado por Virgilio na descripção que fez do escudo de Eneas.

E quantos não terão copiado de Virgilio e ainda outro o terão feito d'esses que o imitaram!

Archiloco foi o inventor do iambo verso, mais prosaico que o hexametro e mais proprio a assumptos menos elevados que a epopeia. Poeta satyrico dos mais terriveis da velha Grecia Archiloco teve mau acolhimento na austera Esparta sendo alli prohibidos os seus versos. Entretanto o o seu talento poetico que muitos igualavam ao do proprio Homero era respeitado em grande parte da Grecia.

Tyrteu distinguiu-se na poesia guerreira e religiosa. Parmenides e Xenophanes cultivaram o genero da poesia philophica. Empédocles n'este genero serviu de modelo a Lucrecio, que, seja dito de passagem, ficou-lhe muito superior.

Quem comparar o poema *Principio das cousas* d'um, com o *De natura rerum* do outro, dará de certo preferencia aos versos de Lucrecio e no emtanto o poema de Empédocles foi julgado tão bello que foi lido publicamente nos jogos olympicos.

Na poesia lyrica Alceu brilha pela energia de estylo e pelo arrojo das imagens. As suas odes guerreiras são um primor no genero. Tyrteu não as fez melhores. Sapho, sua amada — se, bem que não sua amante — lhe seguiu as pisadas, mas o encanto dos seus versos é inexcedivel, as poucas das suas strophes que nos restam é do melhor que ha d'aquelles tempos. Nada lhes iguala em suavidade e doçura: era preciso ser verdadeiramente amante, ter a alma celestialmente enamorada para ir arrebatar aos céos os fogos divinos de que ellas estão impregnadas.

Anacreonte, o velho poeta de Theos, não foi menos primoroso nas suas odes. Tudo n'elle respira delicadeza, graça, jovialidade, prazer abertamente franco e a maior doçura. O *amor e o vinho*, — o sensualismo e o nectar dos deuses, — tudo quanto nos destilla o prazer pelos veias, tudo quanto estimula as fibras da nossa carnalidade, tudo quanto nos desperta os fogos da alma, o velho e amavel poeta de Théos não esqueceu!

Simonides poeta que — dizem — juntou uma oitava corda á lyra e quatro letras ao alphabeto grego, o auctor das *Lamentações*, compunha a preço de ouro os seus cantos de triumphos. É notavel pela sua muita naturalidade no estylo. O seu canto intitulado *Danae* tornou-se celebre pela expressão tocante das angustias maternas, que ali se pintam com uma verdade dilacerante.

Um dos grandes poetas lyricos com que fecha a segunda época da poesia grega é incontestavelmente Pindaro. Na ode o seu nome refulge como uma estrella de primeira grandeza ao lado de Anacreonte e de Sapho. Foi discipulo de Corina e Simonides.

É o primeiro dos lyricos gregos, nenhum lhe iguala na pujança e riqueza de imagens e na harmonia deliciosa da sua versificação. A fecundidade admiravel d'este poeta, a sua singular austeridade e a pureza da forma, casam-se habilmente com a pompa extraordinaria da narração e com a força dos pensamentos. Pindaro é o principe dos poetas lyricos da antiguidade. D'elle possuimos 45 odes, das quaes 14 olympicas, 12 pythicas, 11 nemedeas e 8 isthmicas.

No seguinte numero nos occuparemos dos poetas que floresceram durante a terceira, quarta e quinta épocas, e da introducção da tragedia nos dominios da poesia, honra que pertencendo á Grecia antiga muito se orgulha com ella a Grecia moderna.

*Silva Pereira.*

# ACTUALIDADES SCIENTIFICAS

## XV

**O contador de pressão do sr. Antonio Pinto Bastos — Os tramways de cabo em Chicago**

Começamos esta resenha pelo *contador de pressão continua*, uma das invenções mais prestantes do sr. Antonio Pinto Bastos. O machinismo acha-se representado na nossa gravura. Contem-se n'uma caixa ou cylindro U, de ferro fundido, que pode variar de dimensões para fornecer maior ou menor quantidade d'agua. A peça principal d'este contador é um cylindro A com a capacidade d'um litro ou mais, segundo o tamanho, cuja base d'este faz systema com a cobertura U, á qual é aparafusada por 4 parafusos V. Dentro do cylindro A gira um embolo composto de 2 peças C de ferro fundido e guarnecidas de 2 solas E prensadas de modo que forme uma pequena parte cylindrica. D'este embolo parte uma haste D de ferro forjado, que em alturas convenientes, tem 2 annilhas de bronze R e R com parafusos de pressão, afim de facilmente poderem girar e fixarem-se em ponto conveniente.

Sobre o cylindro A, medidor, está fixa uma cadeira B de ferro fundido, que d'um lado supporta o divisor O de bronze, formado por 3 orificios e sobre os quaes assenta a peça N de bronze cuja cavidade P está sempre sobre dois orificios, rodando á direita e á esquerda, e opposto á cavidade P, ha uma abertura, que ora coincide com o orificio superior ora com o orificio inferior. A cauda d'esta peça entra no orificio N, e na extremidade tem fixo um manipulo M do mesmo metal, que recebe movimento de vai-vem por uma forquilha L, que tambem está fixa ao eixo G, que d'um lado gira sobre a chumaceira F e do outro n'um casquilho cravado na cadeira B. D'este eixo parte uma peça que tem uma abertura alongada e dentro da qual gira a haste D; e outra com forma de manivella e na qual articula por meio d'um parafuso, a extremidade inferior de um embolo K de bronze ou latão, munido d'uma mola em espiral, que exerce pressão, d'um lado, sobre a base do embolo, e do outro sobre a do cylindro, de que elle é composto, cuja base articula tambem por meio de um parafuso na peça T, que está fixa á cadeira B. Do mesmo eixo parte uma alavanca, que topa sobre almofadas de caoutchouc, que limitam a elasticidade da mola K, que, ora gira á direita, ora gira á esquerda. No divisor O atarracha uma união P, e á qual se liga o tubo Q, conductor d'agua que na extremidade exterior ao involucro U tem uma entuboladura D, que permitte facilmente desligar o contador do encanamento; e do lado opposto d'esta união e do orificio C', parte um outro tubo Q' para a sahida d'agua, e que na extremidade, tem uma segunda entuboladura em tudo como a primeira. Da parte inferior do divisor e do orificio F, parte um tubo que liga ao local Y, atarrachado no ponto inferior do cylindro A. O orificio S do mesmo divisor deita livremente sobre o orificio H' da cadeira B.

Para contador de grandes dimensões, deve usar-se o divisor com embolos, composto d'uma simples haste que tem dois anneis maciços d'igual diametro ao cylindro, em que elles giram, e os quaes dão admissão á agua dos dois orificios fazendo expellir a de um para a de outro segundo a posição do embolo do cylindro medidor. A um lado do involucro U ha uma saliencia X, propria para receber o machinismo registrador, que recebe movimento do eixo H, que atravessa uma pequena caixa d'empanque, destinada a não permittir derramamento d'agua.

O mostrador ou machinismo registrador está fixo a uma platina ligada a outra platina, que aparafusa a saliencia X. Entre as duas platinas ha um espaço, que é occupado pelas rodas e carretes d'engrenagem, apoiando-se os moentes d'estes, em furos nas platinas.

O mostrador tem 5 circulos, cada um com ponteiro, e marcando o primeiro um decalitro por cada uma das dez divisões, o segundo cem litros, o terceiro mil litros, o quarto dez mil litros e o quinto cem mil litros. O numero de dentes das rodas e dos carretes, é regulado em relação á numeração do mostrador, e capacidade do cylindro medidor. Cada ponteiro está fixo no eixo d'uma roda dentada com carrete, que communica o movimento á roda seguinte; ao primeiro ponteiro o movimento é dado por uma roda, que engrena com o carrete fixo n'uma outra roda dentada, que é travada por um linguete travador, e em que engrena um linguete transmissor, articulado n'uma manivella fixa no pequeno eixo H.

Posto o contador em communicação com o tubo d'alimentação, a agua penetra no cylindro, por um dos orificios, supponde que n'este caso seja o inferior o primeiro a permittir a entrada da agua, este é conduzida á parte inferior pelo tubo Y, que faz subir o embolo, em cuja haste está a annilha R', que, fazendo subir a peça G até á vertical da mola, esta, por seu turno se encarrega do desequilibrio da manivella, que produz $1/4$ de rotação no eixo G e este na forquilha L, a que está ligado; a forquilha então arrasta comsigo a manivella M, que obriga a peça N sobreposta no divisor, a mudar de posição, ficando aberto o orificio superior, e communicando com a cavidade P; então a agua entrando por S'' vae encher todo o vacuo do involucro U, e comprimindo-se a entrar pela abertura H, vae actuar sobre a parte superior do embolo, fazendo o descer, e impellindo pelo tubo Y a agua que antes o fez subir, tomando esta o caminho da cavidade P, e sahindo pelo tubo Q, que a conduz ao encanamento da distribuição. O embolo continuando a descer a annilha R, leva deante de si a peça que faz passar a mola espiral da vertical, e esta se encarrega do desequilibrio, mudando por este modo e como acima já fica dito as entradas do divisor, e assim successivamente se produz o movimento alternativo do embolo. Este movimento repete-se successivamente, em quanto as torneiras de distribuição estiverem abertas, e communica-se aos ponteiros, pelo modo já indicado. Logo que a torneira de serviço esteja fe-

chada, a agua deixa de penetrar no contador que pára em seguida; mas abrindo-se esta a agua continuará a correr, e o contador a funccionar, não passando sequer uma gota, sem que seja registada.

Para se afferir e regular o contador procede-se do modo seguinte: aberta a torneira de serviço, deixa-se correr a agua, até que o ponteiro dos decalitros coincida com precisão com uma das divisões, feito isto, fecha-se rapidamente a torneira e colloca-se por baixo d'esta uma medida de capacidade de 10. Estando as cousas assim dispostas, abre-se a torneira, e deixa-se correr a agua, até que o ponteiro marque a divisão seguinte: — Se o contador der mais agua, tira-se o involucro e aproxima-se uma da outra as annilhas R e R', até que a afferição seja perfeita; no caso do contador dar agua a menos, afastam-se as annilhas uma da outra, pelo mesmo modo como se approximam. Este systema de afferição permitte dispor o contador com tal precisão, quanto é possivel.

Não ha até hoje contador de pressão continua, tão simples, e de tanta exactidão, como o que acabamos de descrever.

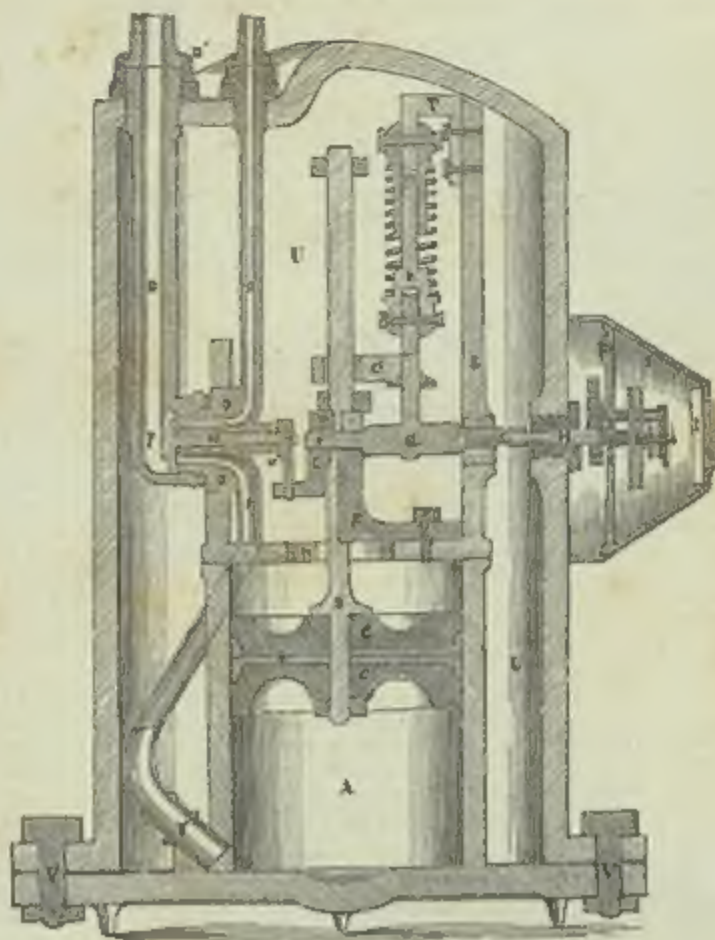
O seu machinismo é muito simples, e por consequencia pouco susceptivel de desarranjo, e barato relativamente a outros, que estão bem longe de satisfazer, como este; não é susceptivel, salvo caso de desarranjo accidental, de dar agua sem a contar, ou de a contar sem a dar, tendo a vantagem sobre os contadores, que contam a ar livre, de poder ser collocado n'um ponto baixo da habitação, evitando por essa rasão, que a pretextos de exames ou verificações n'estes apparelhos, entrem pessoas estranhas no interior das casas. Este contador póde ser applicado como relogio hydraulico; collocando-o em posição tal, que basta ter sobreposto á altura de um metro, um pequeno reservatorio d'agua, com nivel constante, conduzida e regulada por um tubo para o contador.

Deste modo o apparelho não só funcciona como o melhor chronometro, mas tem a vantagem de poder mover grandes ponteiros do mostrador, sem que o seu movimento se atrase ou adiante.

O sr. commendador Antonio Pinto Bastos tem realisado utilissimos inventos, acceites não sómente em Portugal, mas nos paizes estrangeiros. Aos seus esforços se deve em grande parte o bom nome da industria portugueza. É bastará dizer que o seu contador ao ar livre funcciona em numero superior a 34:000 em Lisboa, Santarem, Zamora, Valencia, Motril, Maranhão, Pará e outras localidades adoptado por companhias, algumas das quaes inglezas.

— O systema de tracção de tramways por meio de cabos foi inaugurado na cidade de S. Francisco da California, e foi conforme com as observações realisadas em 1881 n'aquella cidade pelo sr. Holmes, que este estabeleceu a applicação do systema em Chicago. Não obstante o inconveniente previsto da difficuldade de viação nas ruas durante o periodo de construcção, a companhia achou subscriptores para 10 milhões de dollars de que precisava. Começaram os trabalhos em 12 de agosto de 1881 e em 4 mezes havia 14 kilometros de linha assente.

Em Chicago a temperatura era um grave inconveniente para o projecto, porque no verão sóbe a 36 graus centigrados e no inverno desce a 25 abaixo de zero! A chuva e a neve é abundante. D'ahi quantas contracções e dilatações e outras mil difficuldades no funccionamento dos cabos e das roldanas, do tubo e da sua fenda e juncturas! Todavia ha 3 annos e meio que o systema funcciona sem interrupção, mesmo nas epochas em que qualquer meio de transporte é impraticavel, e as acções da companhia subiram ao triplo do seu preço de emissão.

Os tramvays circulam durante 20 horas por dia, e transportam 70 a 100 mil viajantes. O percurso total é de 30 kilometros. A potencia ou força empregada, dividida em duas machinas é de 400 cavallos mechanicos, e póde ser elevada a 500. Ha de reserva um par de machinas, para a substituição em caso de desarranjo. Se o serviço fosse praticado por animaes seriam necessarias 2:000 cavallos com 250 conductores; mas com as machinas a despeza é metade.

Hydrometro de pressão de A. Pinto Bastos
**Vid. artigo "Actualidades Scientificas.**

Os comboios succedem-se uns aos outros com intervallo de 2 ou 3 minutos, levando cada um 3 ou 4 carruagens. A velocidade, no terreno urbano é de 11 kilometros por hora, 6 kilometros nas curvas, e 16 kilometros nos arrabaldes da cidade. O cabo sem fim tem 102 millimetros de circumferencia e pesa 3k,330 por metro corrente. O custo do cabo é de 12:600 rs. por tonellada. Em serviço ha diariamente 150 a 200 vehiculos. Chicago é cidade de 500:000 habitantes, sobre o lago Michigan no Illinez, Estados Unidos. Quando teremos em Lisboa uma companhia que nos dê esse meio de transporte tão facil, tão perfeito, tão rapido e tão barato?

*João de Mendonça.*

## RESENHA NOTICIOSA

Illuminação electrica das cidades. Parece que se encontrou em Gerona a maneira de tornar o fluido electrico commodamente aplicavel á illuminação publica. Até agora, apezar das suas grandes condições, considerava-se ainda pouco menos que inaplicavel a este fim, pela sua indocilidade e custo. Verdade é que nem todas as povoações dispõem da força quasi gratuita d'agua, que alli existe em abundancia, mas se a experiencia demonstrar em Gerona a barateza da producção do fluido, já se terá dado um grande passo para a sua propagação, porque fazendo contribuir os systemas, já conhecidos, para a transmissão da força a distancias, não haverá nenhum grande centro a que se não possa communicar a que desenvolvam quedas de agua, existentes a maior ou menor distancia. O systema empregado será o da incandescencia por meio de 200 focos equivalentes, cada um, á potencia de 5 bicos de gaz, dos actualmente empregados na illuminação publica. Estes 200 focos custarão, segundo o contracto sete reales (315 réis) por cada hora de luz de todos elles, de modo, que, supponde que ardam por espaço de dez horas, dará isso um gasto nocturno de setenta reales, proximamente 3$150 réis, quantia modica em extremo para se obter, mediante ella, a illuminação de uma povoação importante que excede a 16:000 almas. Providenciou-se, quanto possivel, á inseguridade, que é condição da illuminação electrica, tendo disposta uma machina de vapor que ministre a força necessaria, quando por qualquer natural accidente dos que acompanham as obras hydraulicas, haja de se recorrer a outro meio; assim como se preveniu a falta occasional de fluido electrico, tendo tambem disposta outra illuminação supplementar. Será Gerona a primeira cidade de Hespanha, e uma das primeiras do mundo, que se abalança a similhante empreza; e com bem lhe succeda, porque póde ser que esta experiencia, resulte a propagação e desenvolvimento d'aquelle tão almejado systema de illuminação.

Esquadra hespanhola. Tem estado surta nas aguas do Tejo uma esquadra hespanhola composta dos seguintes vasos de guerra: fragata *Numancia* do commando do sr. D. José Mario de Haras, com 15 peças e 674 praças; fragata *Gerona* do commando do sr. D. José Margan, com 19 peças e 646 praças; crusador *Castilla* do commando do sr. D. José Peroz y Lazago, com 12 peças e 382 praças; crusador *Navarra* do commando sr. D. Antonio de Bivar, com 11 peças e 314 praças. Os tres primeiros navios são couraçados e o ultimo é de madeira.

Cesario Verde. Falleceu no dia 19 do mez passado, no Lumiar, para onde tinha ido tratar-se da grave enfermidade pulmonar, que ha tempos lhe minava a existencia, o nosso amigo José Joaquim Cesario Verde, moço talentoso, pertencente a uma familia commercial respeitavel, e que alliava a uma intelligencia cultivada, nobres sentimentos e dotes apreciaveis. Cesario Verde publicára varias poesias, onde a par de incontestavel talento, surgiam grandes defeitos que o tempo desfaria. Ficou sepultado no cemiterio occidental, onde os poucos amigos que o poderam acompanhar, lhe foram dizer o ultimo adeus. Descance em paz o malogrado poeta.

## PUBLICAÇÕES

Recebemos e agradecemos:

**Contos modernos — Mais Uma**, pelo conde de Ficalho. Typographia Elzeviriana 1886, Lisboa. É o 2.º volume da collecção de *Contos Modernos*, dirigida pelo sr. Alberto Braga. Este volume escripto pelo sr. Conde de Ficalho desenha brilhantemente uma scena da vida de provincia, cujo motivo existe infelizmente em toda a parte, e se não é um modelo de moralidade, é em todo o caso tristemente verdadeira e escripta superiormente, o que distingue todas as obras do illustre escriptor.

**Bibliotheca do Povo e das Escolas — Civilidade**, por Antonio Maria Baptista. David Corazzi, editor, Lisboa. O n.º 135 d'esta bibliotheca trata como se vê da *Civilidade*, e com quanto a muitos possa parecer superfluo o compendio de uma coisa que todos devem aprender por intuição e educação paternal, é certo que o livro é util e necessario, hoje que a civilidade sofre tratos de polé e cada um a quer ter a seu modo

**Cinco semanas em balão**, por Julio Verne, David Corazzi, editor, Lisboa. O 5.º volume da grande edição popular das viagens maravilhosas aos mundos conhecidos e desconhecidos é o que vimos de annunciar e a respeito do qual é inutil qualquer recommendação, porque as obras de Julio Verne são tão conhecidas, que difficilmente se encontrará pessoa lida que as não tenha apreciado devidamente.

**A Moda**, publicação trimensal illustrada com figurinos em phototypia, offerecida aos consumidores-revendedores da Real e Imperial Chapelleria a vapor de Costa Braga & Filhos, estabelecida no Porto.

**Chapelleria Universal**, de Victor, Coutinho & C.ª, Porto. Figurinos em phototypia das ultimas novidades do verão etc. Este genero de publicações dão bem a medida do grande desenvolvimento da industria de chapelleria no nosso paiz.



Typ. Elzeviriana — Praça dos Restauradores, 30 a 36 — Lisboa.